

# *Semana Pedagógica*

*2º Semestre - 2016*



## *ANEXO 1*

*A RELAÇÃO DO ESTUDANTE COM O  
AMBIENTE ESCOLAR*



## ANEXO 1

### A relação do estudante com o conhecimento escolar

Este texto, baseado na teoria da relação com o saber, de Bernard Charlot, tem o intuito de subsidiar a discussão proposta na Semana Pedagógica de Julho de 2016. Sugerimos que o pedagogo se aproprie das questões teóricas aqui apresentadas para provocar o debate com o coletivo de professores de sua escola.

Além da apresentação dos principais aspectos da teoria, sistematizados neste texto, também elencamos outros artigos e produções para o aprofundamento da temática.

A postura e a visão dos estudantes perante a escola e ao processo de escolarização, assim como sua relação com o saber, os influenciam diretamente na permanência e no desempenho escolar. Isso se manifesta, quando o professor constata que certos sujeitos se sentem predispostos a aprender, enquanto outros não se apresentam.

Diante dessa predisposição ou não ao processo do 'aprender',

Costuma-se invocar características que são imputadas ao próprio indivíduo: ele é preguiçoso, ele não está motivado, etc. Mas trata-se, na verdade, das relações entre esse indivíduo e aquilo que se tenta ensinar-lhe, assim, 'não estar motivado' é estar em uma certa relação com a aprendizagem proposta. O que está em questão aqui, portanto é uma certa relação com o saber – com o saber em geral ou com este ou aquele saber. (CHARLOT, 2001, p. 15-16)

Diante dessa situação, nos deparamos com diversos questionamentos, dentre eles: como 'motivar' os estudantes? Quais elementos poderiam estar presentes em uma aula que desperte o interesse dos estudantes? Por que alguns de nossos alunos não demonstram predisposição para aprender?

Para além destas questões, algumas situações se apresentam de forma ainda mais provocativa, como por exemplo, quando

constata-se que jovens das camadas populares, resistentes ou passivos frente aos saberes escolares, fora da escola podem adotar comportamentos que apresentam uma certa complexidade e que supõem aprendizagens aprofundadas. A perplexidade é ainda maior quando se constata que tais jovens, muitas vezes com poucos recursos para as tarefas escolares que envolvem a linguagem, revelam-se bem falantes nas interações grupais ou na produção de textos de rap. (CHARLOT, 2001, p. 17).

Para Charlot, há uma relação estatística entre a origem social do estudante e seu sucesso ou fracasso escolar, enfatizando, entretanto, que essa relação não é de causa. A sociedade não pode ser analisada apenas em termos de posições sociais, sendo preciso "levar em consideração o sujeito na sua singularidade de sua história e atividades que ele realiza". (Charlot, 2005, p.40)

A educação, entendida como um fenômeno social acontece em diversas esferas e instituições, o que pressupõem a ideia de relação institucional com o saber.

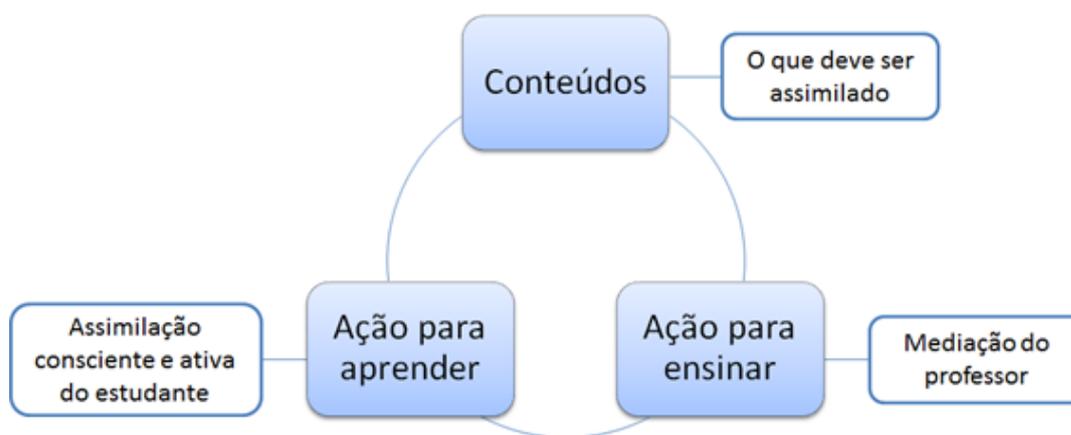
Quando um indivíduo aprende no seio de uma instituição, ele só poderá ser "bom aluno" caso se adapte à relação com o saber definida pela instituição (pelo papel que ela atribui a esse saber,

pela organização do currículo e das práticas de ensino, etc.). Entretanto, um indivíduo pertence a várias instituições, cujas relações com o saber, com este ou aquele saber, podem ser diferentes (CHEVALLARD, 1992 apud CHARLOT, 2001, p. 18).

Essa situação demonstra que as instituições e as formas como a relação com o saber se dá, implicam em relações que são próprias e particulares do local onde elas se estabelecem. “Isso quer dizer, sobretudo, que a escola não é apenas um lugar que recebe alunos dotados destas ou daquelas relações com o(s) saber(es), mas é, também um lugar que induz essas relações” (CHARLOT, 2001, p. 18).

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que falamos dos sujeitos da aprendizagem (os estudantes), é essencial que abordemos também o papel do professor, já que são os docentes os responsáveis por se questionarem “sobre as condições de transmissão de um saber, mais exatamente deste ou daquele saber – ou sobre as condições de aprendizagem desta ou daquela ‘prática social de referência’”. (CHARLOT, 2001, p. 17)

Para exemplificar a questão, o processo de ensino-aprendizagem pode ser entendido a partir da seguinte relação:



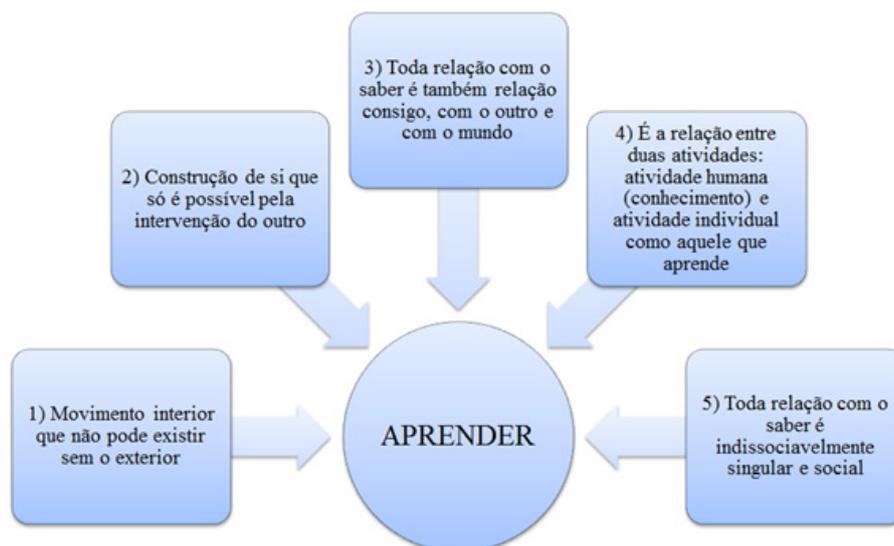
FONTE: Departamento de Educação Básica

No ir e vir da relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo, toma forma o desejo de aprender. É este desejo que propulsiona o estudante em direção ao saber.

“Aprender é apropriar-se do que foi aprendido, é tornar algo seu, é ‘interiorizá-lo’. Contudo, aprender é também apropriar-se de um saber, de uma prática, de uma forma de relação com os outros e consigo mesmo... que existe antes que eu aprenda, exterior a mim” (CHARLOT, 2001, p. 20)

É na relação entre a mobilização do aluno, na sua ação para aprender e na organização didática do professor para ensinar, que os docentes precisam identificar e explorar as diversas necessidades e especificidades dos sujeitos, que “permitam compreender as formas (eventualmente contraditórias) de mobilização” (Charlot, 2001, p. 23), para que se possam planejar intervenções pontuais no cotidiano da sala de aula, com vistas a garantir a melhoria do processo ensino-aprendizagem, o que se efetiva por meio da constante reflexão, revisão e efetivação do Plano de Trabalho Docente.

Charlot (2001) discorre sobre algumas proposições que abordam a questão do aprender e da relação com o saber:



FONTE: Baseado em CHARLOT, 2001.

**1) Aprender é um movimento interior que não pode existir sem o exterior:** ensinar (ou formar) é uma ação externa (de outros sujeitos). Porém, só obterá êxito caso faça sentido, ou produza um movimento interior a aquele que aprende.

**2) Aprender é uma construção de si que só é possível pela intervenção do outro:** ensinar, nesse caso, só terá êxito caso venha ao encontro do sujeito que aprende e que está em constante construção. O ato de ensinar e aprender precisa ser pensado e problematizado conjuntamente, visto que um não acontece sem o outro.

**3) Toda relação com o saber é também relação consigo:** aprender envolve uma relação do sujeito com aquilo que se aprende (o conteúdo) e também consigo mesmo. "Isso quer dizer que o 'sentido' e o 'valor' do que é aprendido está indissociavelmente ligado ao sentido e ao valor que o sujeito atribui a ele mesmo enquanto aprende (ou fracassa na tentativa de aprender)" (Charlot, 2001, p. 27).

**4) Toda relação com o saber é também relação com o outro:** nesse sentido, ensinar pressupõe uma relação de mediação entre aquele que aprende (o estudante) e o objeto do conhecimento (o conteúdo).

**5) Toda relação com o saber é também relação com o mundo:** O que é potencialmente oferecido aos sujeitos se constitui em uma forma de mundo e que pode ser constantemente ampliado. A realidade do sujeito aprendiz, que se constitui a partir de sua história pessoal, não está subjugada à interiorização passiva, mas a partir da mobilização, sentido e valor de um saber (de um aprender) e, portanto são indissociáveis dessa relação com o mundo.

**6) Aprender é uma relação entre duas atividades:** a atividade humana que produziu aquilo

que se deve aprender e a atividade na qual o sujeito que aprende se engaja: como sendo a essência da relação com o saber, o aprender exige a mediação entre essas duas atividades e pela atividade daquele que ensina ou forma (neste caso, o professor).

**7) Toda relação com o saber é indissociavelmente singular e social:** singular porque aprender é um processo desenvolvido por um sujeito (o estudante). No entanto, cada sujeito é um sujeito social e por este motivo, a “relação de aprender é sempre uma relação social com o aprender” (CHARLOT, 2001, p. 28) e com aqueles que o mediam (o professor).

Partindo desse pressuposto,

Aprender para viver com os outros homens com que o mundo é compartilhado. Aprender para apropriar-se do mundo, de uma parte desse mundo, e para participar da construção de um mundo pré-existente. Aprender em uma história que é, ao mesmo tempo, profundamente minha, no que tem de única, mas que me escapa por toda a parte. Nascer, aprender, é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são os outros. (CHARLOT, 2000, p. 53)

Reafirmando essa questão, cabe ressaltar que toda ação do professor deve centrar-se na organização do conteúdo e dos processos pedagógicos para que o sujeito, trabalhando de maneira ativa, atue sobre os seus processos mentais em desenvolvimento e concretize a aprendizagem.

### **PARA SABER MAIS!**

CHARLOT, B. **A violência na escola:** como os sociólogos franceses abordam essa questão. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16>.

TRÓPIA, G.; CALDEIRA, A.D. **Vínculos entre a relação com o saber de Bernard Charlot e categorias bachelardianas.** Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/5227/6787>.

VIANA, M. J. B. **A relação com o saber, com o aprender e com a escola:** uma abordagem em termos de processos epistêmicos. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/06.pdf>.

### **Referências**

CHARLOT, B. **Os jovens e o saber:** perspectivas mundiais. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.